

O júri do concurso "Uma escultura para o Mar de Angra", promovido pela Empresa de Turismo do Estado do Rio de Janeiro- TurisRio, em conjunto com a Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, escolheu como vencedor o projeto apresentado pelo artista paulista José de Moura Resende, o qual receberá, como prêmio, Cz\$1.000.000,00 (um milhão de cruzados).

Para se chegar a esta decisão foram cumpridas as seguintes etapas:

1 - O crítico de arte Frederico Morais, indicado coordenador do concurso, sugeriu que, devido à complexidade técnica do projeto e à exigüidade de tempo para sua realização, o mesmo fosse limitado à participação de apenas cinco escultores, previamente convidados entre aqueles de notória competência criativa, com currículo exemplar e fortuna crítica. Sugeriu ainda que os artistas e o júri fossem assessorados por técnicos em engenharia oceânica, mergulhadores etc.

2 - Aceitas as sugestões, foram convidados a participar do concurso, os seguintes artistas: Abraham Palatnik, Ascânio e Tunga, do Rio de Janeiro, Carlos Fajardo e José Resende, de São Paulo. O júri de premiação ficou composto por Frederico Morais e Reynaldo Roels, do Rio de Janeiro e Olívio Tavares Araujo, de São Paulo.

3 - No dia 11 de fevereiro, os cinco artistas, acompanhados do coordenador do concurso, dos funcionários da TurisRio, Fuad Atala e Suzana Neves, dos técnicos Carlos Eduardo Parente Ribeiro e Enise Valentini, do Programa de Engenharia Oceânica da Coppe/UFRJ, de Amilcar Ferrari, sub-secretário de Ciência e Tecnologia - do Estado do Rio de Janeiro, de Arnaldo Magnavita Olinto, da FIPERJ e de Guilherme Francisco Moreira, diretor-gerente da empresa Aquamaster, foram conhecer, no mar de Angra dos Reis, o local, próximo

às ilhas denominadas popularmente de Botinas, onde a escultura será implantada.

4 - Um segundo encontro, reunindo os artistas convidados, o coordenador do concurso, os dois engenheiros da Coppe, o diretor-gerente da Aquamaster e Raul Angelo Rodrigues Cerqueira, presidente da Cooperativa Brasileira de Atividades Subaquáticas Ltda., foi realizado na sede da TurisRio, no dia 22.2.1988, para novas consultas e discussões sobre aspectos técnicos do projeto. Nessa reunião definiu-se como data final para entrega das maquetes das esculturas, 30.3.1988. O prazo foi rigorosamente cumprido pelos artistas participantes.

5 - O júri de premiação reuniu-se no dia 4.3.1988 na sede da TurisRio, sendo a abertura das embalagens contendo os projetos presenciada por Fuad Atala. A reunião foi dividida em duas etapas. Na primeira parte, o júri ouviu os comentários dos engenheiros da Coppe, do presidente da CBAS e do diretor-gerente da Aquamaster sobre a viabilidade construtiva dos projetos apresentados pelos artistas. Na segunda parte, o júri, sem a presença dos técnicos, fez a sua escolha, após uma longa discussão entre seus integrantes.

Ao final, saiu vencedor o projeto de José Resende, que recebeu votos favoráveis de Frederico Moraes e Reynaldo Roels, enquanto Carlos Fajardo teve o voto favorável de Olívio Tavares Araújo. Este aceitou o resultado, mas sugeriu uma nova consulta aos dois técnicos da Coppe sobre alguns aspectos estruturais, limitada, porém, aos dois projetos finalistas. Manteve-se, assim, suspensa a decisão do júri. O parecer técnico chegou à TurisRio no dia 16.5.1988, datado, porém, de 12.5.1988. Analisado o parecer pelos integrantes do júri, confirmou-se a decisão do dia 4 de março último, agora por unanimidade.

6 - A seguir, uma rápida síntese dos projetos e dos pareceres da comissão técnica e do júri de premiação:

a) Abraham Palatnik - ("Cracol"). O autor considerou como básico, para abordagem de uma escultura <sup>subaquática</sup> sub-aquática, a idéia de que ela não deveria ser um objeto "mergulhado", sendo sua razão de ser estar submersa. Propôs uma visão do objeto como resultado do encontro do mergulhador com a escultura, ou seja, uma espécie de "encontro flutuante". A própria forma da escultura sugere ao mergulhador "um percurso lógico e simples", isto é, ao redor, no centro e no interior da peça, proporcionando-lhe "uma vivência ao mesmo tempo sensorial e lúdica". O autor previu ainda a atração e o convívio da estrutura proposta - um caracol geometrizado ou mondrianesco - com a fauna e flora subaquática, inclusive as cracas, daí o título adotado, "Cracol". Em sua análise do projeto, os técnicos alertaram para o risco de que os mergulhadores pudessem ficar presos no interior da escultura, verdadeiro labirinto em forma de caracol. A proposta de criar novas aberturas nas paredes da escultura iria ferir, segundo o júri, a integridade estética do projeto.

b) Ascânio MMM. (Três protótipos, sem título). Apresentou três projetos com conceituações diferentes. A primeira escultura, calcada em outra do próprio artista, datada de 1974, seria realizada em aço inoxidável e fixada no fundo do mar, com previsão de manutenção. A segunda, flutuante, seria um móvel com fixação inversa, presa no fundo do mar, através de um cabo de aço, mas que poderia ser trazida à tona para limpezas periódicas. A terceira, de aço inoxidável ou outro material que seria definido posteriormente, fixada no fundo do mar, tendo como característica principal a incorporação da craca e sua integração ao habitat marinho. Esta escultura seria uma nova versão de outra peça do artista, datada de 1970, e por ele definida como uma "hipérbole cristalina que iria se transformando aos poucos, pelo vigor do mar, em organismo vivo". A comissão técnica considerou todos os três projetos viáveis, enquanto o júri, apesar de constatar a coerência formal com a obra anterior do

artista, não se entusiasmou com nenhum dos três projetos.

c) Carlos Fajardo - ("Lugar construído"). Definiu sua escultura como "lugar construído", situando-se conceitualmente entre a arquitetura e a escultura. Trata-se de um grande plano, sustentado por quatro pilares, construídos com chapas de ferro. Sugere uma praça submersa que, por sua estrutura, colocaria o espectador dentro de "um vazio espacial". O autor previu a formação, na superfície do mar, de uma grande mancha vermelha ( cor que cobriria a parte superior da peça), que poderia ser observada de longa distância, bem como a ação dos organismos vivos aderidos à superfície de sua escultura, e mesmo a corrosão da matéria pela ação da água do mar.

Em seu parecer, os técnicos da Coppe afirmam que "o projeto proposto não apresenta dificuldades quanto aos aspectos estruturais", entretanto, "as juntas e fundações deveriam ser calculadas com rigor, pois as cargas envolvidas são de grande envergadura, principalmente as estáticas".

Quanto ao comportamento do material especificado por Carlos Fajardo, ferro cor-ten ou sac-50, em ambiente marinho, "apresenta uma velocidade de corrosão de 1/10 por ano, em condições controladas fora do ataque biológico. A fixação de material orgânico, de origem animal ou vegetal, aceleraria o processo de corrosão numa taxa de difícil previsão". Quanto aos efeitos óticos, o parecer diz que "é de se esperar que a mancha apareça como vermelha apenas em condições especiais de águas muito limpas, sol a pino e pouca agitação do mar, uma vez que a parte do espectro solar próxima ao vermelho é muito atenuada nos primeiros metros abaixo da superfície. Em condições de águas turvas o contraste pretendido será prejudicado".

d) José Resende (Sem título). Propôs-se a construir uma superfície formada por bolas de vidro ocas, preenchidas parcialmente com areia branca. As bolas seriam lacradas a fogo, ficando, portanto,

no seu interior uma bolha de ar rarefeito, quase um vácuo. Dessa forma, variando a quantidade de areia, seria possível escolher a profundidade das bolas. Fixadas entre si através de cabos de aço revestido de poliuretano, as bolas criariam uma massa flexível que se moveria em função das correntes e marés. Lembrando a coerência de sua proposta em relação à sua obra anterior, José Resende diz no texto que a companhia seu projeto, que "seu objetivo é construir um buraco no meio do mar, preenchido parcialmente <sup>de</sup> areia branca que flutua, movendo-se lentamente".

O parecer técnico confirma as razões relativas à viabilidade construtiva do projeto, à resistência e durabilidade do emprego das bolas de vidro, mas por ser de difícil previsão o comportamento estrutural desse sistema, os técnicos aconselham um estudo detalhado, eventualmente com a utilização de um modelo reduzido ou testes na natureza. Afirmam que poderá ocorrer alguma fixação de organismos vivos, acarretando sobrecarga no sistema, mas confirmam que os materiais escolhidos são resistentes à ação do mar e <sup>às</sup> suas transformações ao longo do tempo, já consideradas pelo autor. Finalmente, observam que a reflexão da luz nas esferas "deve produzir efeitos interessantes para quem as vê da superfície e sombra para quem está no fundo. No entanto, os raios solares passam pelos intervalos da malha e o tapete todo deve ondular, o que em princípio também produzirá e feitos interessantes no fundo".

e) Tunga - (Sem título). O projeto prevê, segundo o autor, três tipos de apreensão: global, parcial (descobrimento paulatino, quando o material será tão importante quanto a forma) e poética (valendo mais a idéia que o objeto). A escultura seria composta de três cadinhos, um de boca para cima, outro como que derrubado e o terceiro semi-enterrado, todos de latão, contendo, cada um deles, três ânforas com metais diversos: ouro de 18 quilates, magnésio e fósforo. Dos cadinhos sairiam fios que formariam tranças de metais diversos: cobre, prata e chumbo. Tunga procurou criar, para seu projeto, um -

UM clima de mistério e magia, envolvendo elementos simbólicos e mitológicos. Apesar de muito elogiado por suas qualidades poéticas e também por sua esplêndida apresentação (maquete e texto) o projeto - foi considerado inexecutável tecnicamente. Foi lembrado, igualmente, que o material empregado, de alto valor econômico, dificilmente resistiria à ação predatória dos homens e mesmo ao roubo puro e simples. E tal como no projeto de Fajardo, parte de sua beleza estética seria anulada no fundo do mar.

7 - <sup>ac</sup> Cada um em seu campo de trabalho, o júri e a comissão técnica, elogiaram o alto nível dos projetos apresentados. A conclusão do júri foi a de que os artistas responderam com brilho e inteligência ao desafio de uma proposta inédita e difícil. Desafio, aliás, bem definido por José Resende em seu texto: "construir uma escultura submersa no mar, onde a noção de peso fica invertida pelo empuxo e os materiais não se distinguem mais tanto pela forma, cor ou textura que ficam alterados sob a água; a idéia de escala torna-se ambígua e perde-se até mesmo o referencial de horizontalidade ou verticalidade".

Neste sentido, após elogiar a iniciativa do Secretário de Turismo, Elysio Pires, de realizar o concurso, o júri sugeriu a exposição dos projetos concorrentes em algum espaço cultural do Rio de Janeiro, para conhecimento do grande público. E manifestou sua esperança de que o projeto vencedor, de José Resende, venha a ser efetivamente executado em tempo hábil e no local previsto.

Rio de Janeiro, 20 de maio de 1988

Frederico Moraes, coordenador